

O fenômeno da nasalização marginal no português do Brasil: um estudo de atitudes

Paula Pinheiro Costa

PINHEIRO COSTA, Paula. O fenômeno da nasalização marginal no português do Brasil: um estudo de atitudes. *Linguística Rio*, vol.4, n.1, dezembro de 2018.

ISSN: 2358-6826
[www.linguisticario.lettras.ufrj.br/uploads/7/0/5/2/7052840/pinheirocosta.pdf]

Informações do autor

Paula Pinheiro Costa
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Contato: paula.trianon@outlook.com

Outras informações

Enviado: 16 de março de 2018
Aceito: 13 de julho de 2018
Online: 11 de fevereiro de 2019

RESUMO: O presente artigo se ocupa de analisar as atitudes linguísticas de falantes naturais de diversos municípios do Brasil. Todas as regiões brasileiras, que são contempladas nesse estudo, por se tratarem de uma extensão considerável entre si e por terem seus históricos difusos em suas constituições dialetais, apresentam falares que se distinguem, majoritariamente, por ocorrências fonéticas. No nosso enfoque, trazemos à luz o fenômeno de nasalização fonética, típica do português brasileiro, por três processos distintos: a assimilação de longa distância, a uniformização prefixal de /iN-/ e a nasalidade espúria. Tende-se como crença a de que falantes originários da região nordeste são os maiores produtores da nasalização. Ainda, coloca-se a escolaridade como fator preponderante para que a nasalidade se manifeste ou se iniba em indivíduos de maior grau de escolarização. De posse dessas afirmações, fazemos o estudo nos moldes teórico-metodológicos da Sociolinguística com foco em estudos de atitudes linguísticas, analisando respondentes com terceiro grau completo e com graduação em curso das mais variadas localidades confirmam a posição que se assumiu previamente.

PALAVRAS-CHAVE: Nasalização fonética; Nasalidade; Sociolinguística; Teste de atitudes; Português do Brasil.

Introdução

A importância da abordagem sociolinguística já é comprovada desde os anos sessenta, mais precisamente desde a análise pioneira de Labov, em 1966, sobre o comportamento dinâmico dos róticos no inglês de Nova York. O autor inaugurara o modelo que se dedica, até aos dias atuais, à análise linguística a partir do uso real da língua, opondo-se aos modelos que trabalham com exemplos inventados. Ainda que em larga expansão, os estudos sociolinguísticos carecem de uma frente que considere as razões práticas para que uma determinada variante da fala de uma dada língua receba estigma e/ou prestígio. Na tentativa de preencher ou, ao menos, satisfazer as atitudes linguísticas em que se ancoram as línguas naturais, surge a análise por meio do teste de atitudes, não em uma tentativa de substituição de um por outro, pelo contrário, como um método de complementação que se direcione às posturas subjetivas – inalcançáveis apenas em impulso qualitativo – dos falantes

acerca de, considerando o nosso caso, um fenômeno fonético da linguagem. Gómez Molina demarca o conceito de atitude linguística, afirmando que esta¹:

atua de forma muito ativa nas mudanças de código ou alternância de línguas; é um fator decisivo, junto à consciência linguística, na explicação da competência dos falantes; permite ao pesquisador aproximar-se do conhecimento das reações subjetivas diante da língua e/ou línguas que usam os falantes; e influi na aquisição de segundas línguas. (1987, p.25. Tradução nossa)

A partir destas bases é que elegemos o teste de atitudes, considerando a máxima de que somente através dele é possível captar, da maneira mais próxima possível, o motivo do qual o falante escolhe uma variante (nasalizada ou oral) para ser a sua. Além disso, é do escopo dessa análise expor os resultados que nos permitam desenvolver, de acordo com o tratamento estatístico devido, teses sobre formas que podem se sagrar ou não pelo uso e o porquê.

Valemo-nos do modelo de atitudes por compreendermos, em segunda instância, que seria a forma mais neutra e justa de conseguirmos apreender, em único recorte, a realidade linguística de um território de falar plurifacetado como o Brasil.

Dedicamo-nos a um fenômeno de grande abrangência e longa visibilidade, porém são tímidos os estudos dedicados à descrição da nasalização fonética não-prototípica (ou seja, nos diferenciamos aqui da nasalidade fonética dotada de múltiplos trabalhos anteriores que exploram a variação das vogais nasalizadas por adjacência imediata – a exemplo de c[a]neta x c[ã]neta e outros dados de mesma espécie (cf. Moraes e Wetzels (1992), Bisol (1998) e outra gama). De nosso saber, esse é o primeiro trabalho a se servir do teste de atitudes para descrição desse fenômeno típico da fala brasileira, fato que evidencia a necessidade alarmante de se perseguir de forma mais profunda esse modelo em território nacional, especialmente no que diz respeito aos fenômenos da língua – seja de ordem morfológica, morfossintática, sintática, fonética, fonológica e até suprasegmental.

À vista desse pano de fundo, o artigo se empenha em desvendar as atitudes linguísticas de falantes originários e moradores de todas as cinco regiões do país

¹ “actúa de forma muy activa em los cambios de código o alternancia de lenguas; es un fator decisivo, junto a la conciencia linguística, en la explicación de la competencia de los hablantes; permite aproximarnos al conocimiento de las reacciones subjetivas ante la lengua o lenguas que usan los hablantes; influye em la adquisición de segundas lenguas.”

com grau superior completo ou em curso ante ao fenômeno corriqueiro de nasalização – seja advindo de uma assimilação de longa distância, de uniformização prefixal em adjetivos que recebem o prefixo nasalizado ou de nasalização espúria.

Conduzidos pela assinatura da psicologia social de Lambert e Lambert (1968), posteriormente adaptada ao campo da linguagem por Fasold (1984) e López Morales (1993), buscamos examinar como falantes nativos da língua portuguesa do Brasil avaliam as três formas de existência da nasalização fonética e de quais sentimentos se vestem para arbitrar os valores de afastamento ou proximidade com as variáveis, isto é, se são ou não típicas de suas comunidades de fala e como as razões identitárias que se movimentam para a valoração do fenômeno são formuladas. Tendo consciência de que as marcas presentes na língua revelam características sociais de acolhimento por parte dos outros indivíduos e de aceitação pela sociedade, esperamos uma reação de completa concordância ao que é exposto, indicando um caráter individual ainda que esse indivíduo esteja, em todo o tempo, ligado e subordinado ao código de conduta linguística adotado pela sua comunidade de fala. Pretendemos, com esse estudo ainda em caráter inaugural, indicar com clareza quais marcas sociais guiam as avaliações pessoais de cada município perscrutado, favorecendo uma fotografia multicultural da fala brasileira pela ótica dos falantes dos níveis mais escolarizados do país, porém, com realidades sociais, financeiras, culturais, etárias e históricas totalmente distintas. Na apreensão dessas realidades é que podemos detectar as formas dignas de manutenção de uma identidade e seu orgulho e as formas excludentes que, por um procedimento consciente, são anulados da fala por trazem infâmia ao subdialeto do indivíduo. Esse quadro possibilita desenharmos um elo que, embora sabido por muitos, é apagado pela maioria: a integração indissolúvel entre língua e sociedade.

1. Aporte teórico

1.1. Nasalizações marginais

Entendemos por nasalidade o fenômeno articulatório de abaixamento do véu palatino, configurando, assim, a ressonância do ar pela cavidade nasal. Vogais nasalizadas podem ter estatuto pleno, ou seja, são nasais por natureza (imagine o ditongo nasal [ão], por exemplo) ou poder ser nasalizadas por efeitos de contato com um segmento nasal (como em c[ã]ma, onde esse [a] já se prepara para a

articulação subsequente de [m], e, portanto, se produz como uma vogal nasalizada). Nesse segundo exemplo, é entendível que uma vogal imediatamente precedente de um segmento nasal se faça como nasal igual por força do fluxo de fala, que reserva agilidade em seu processamento, porém, nesse trabalho, visitamos três estatutos da nasalidade que não são explicados de maneira tão profícua como os supracitados. À título de informação adicional, ressaltamos que olhamos exclusivamente para a nasalidade fonética, e não a fonológica. Isso se deve ao fato de que na variação das formas fonéticas da nasalidade não há implicação de sentido, de significado, como é o resultado da variação fonológica.

Câmara Jr. (1970) é quem primeiro aponta e distingue esses dois tipos de nasalidade: a fonológica, que implica oposição (juta x junta), e a fonética, que, segundo o autor, resulta de assimilação do processo natural de assimilação. Justamente por tratarmos da variante oral *versus* variante nasal é que não nos é cabível pontuar a variação fonológica, uma vez que se remetem ao mesmo signo linguístico e, inclusive, por que se desviaria do tema central deste artigo, que é a fonética.

Como já arrolado na introdução deste trabalho, os três tipos de nasalidade que serão testadas se explicam adiante e são denominadas “marginais” pela característica comum entre si de recorrência não prototípica ao não seguirem a demarcação canônica descrita, como na já citada obra clássica de Câmara Jr. (1970) e Abaurre & Pagotto (2002). Estas três vias de nasalização, se olhadas separadamente, configuram fortes diferenças entre si, se coligidas, porém, abrigam todas as possibilidades de nasalização fonética da língua portuguesa ainda sem notação autêntica na literatura, e otimizam o tempo e espaço das descrições. Além destas, é claro, contamos a assimilação local, que já tem dedicação de largo alcance nos estudos fonético-fonológicos ao redor do mundo e não se firma como fonte para execução deste trabalho. A primeira delas é a assimilação de (ou à) longa distância, que, tal como a local (vista em c[ã]na), é um fenômeno onde um som compartilha propriedades próprias com um som vizinho, aludido por Cristóvão Silva (2015). A problemática dessa nomenclatura é que, nesse grupo, não tratamos de sons vizinhos. Observem-se alguns dados de nosso *corpus*²: “mindingo” e

² O nosso *corpus* é constituído de 212 palavras, em constante crescimento, de ocorrências verificadas em veículos da internet (*blogs*, revistas eletrônicas, artigos e até mesmo documentos oficiais). A

“sombancelha”, os gatilhos (segmentos que são nasais de onde as vogais que são feitas nasalizadas dispõem o traço nasal) são do domínio de outra sílaba, o que implica na barreira de um ou mais segmento(s) para esse alvo (vogal que sofre o processo de nasalização) ser, de fato, nasalado. Por essa distância entre gatilho e alvo é que se confere o termo “longa distância”. Poderíamos intitular esse grupo de “espalhamento nasal” – já que Cristóvão Silva (2015) define espalhamento como a “propagação” a um domínio vizinho e não necessariamente adjacente - ou com outra alcunha que descaracterizasse o fenômeno de assimilação como é referido pela literatura, entretanto, não compete a nós, ao menos neste trabalho, formar quaisquer novos termos baseados em outros estudos fora do eixo sociolinguístico para o fim do teste de atitudes. Isso posto, passamos ao segundo grupo abraçado pelo tema.

Em segunda atribuição, há o grupo de “uniformização prefixal”. Definimos por uniformização o processo de desfazimento de alomorfia – in ~ i - do prefixo /iN-/ visto em “inlegal” x “ilegal”. Gonçalves e Pinto (2011) e Pinto (2008) propõem uma leitura dos processos de alomorfia dos prefixos baseados na Teoria da Otimalidade, que se distancia da centralidade da nossa abordagem, mas é válida a sua circunscrição aqui. Em Pinto (2008) também é referenciado um apagamento da nasal diante de vibrantes e laterais, como em “irreal” e “ilegal”, descrição que em muito nos interessa. A nossa coleta de dados reais, realizada com funcionários terceirizados da Faculdade de Letras da UFRJ, permitiu noticiar que dados com fricativas surdas [r] – erre forte - (descritas como vibrantes por Pinto) e aproximantes laterais [l] são realizáveis com frequência por falantes pouco escolarizados e foram postas em cheque para os testes de atitudes neste artigo. Daí depreendemos que, em algumas comunidades de fala, o prefixo /iN-/ é sempre realizado com a nasal, independentemente da natureza da consoante pela qual a base do adjetivo é iniciada, e, guardado esse fato linguístico, nomeamos o grupo de “uniformização prefixal”. Embora essa categoria se preze mais à parte morfológica da gramática, resolvemos testificar que a morfologia pode ser subordinada a certas imposições fonéticas, ainda que restrita a grupos específicos de prática.

coleta, realizada através da ferramenta *Google*, considera diversas camadas etárias, sociais e visita todas as esferas escolares (desde pouquíssima escolaridade até os mais altos graus de múltiplas áreas de formação superior).

O terceiro e último grupo fornecedor de dados é o denominado como “nasalização espúria”, exatamente como demarcado em Amaral (1976, p. 6), Alves (2014) e Silva (2016). Amaral (1976) defende uma ótica voltada à diacronia, pois segundo ele:

[...] a nasalização de e inicial seguido de x é fenômeno observado em tempos afastados da língua [portuguesa], em palavras como: enxame<examen, enxada<exada, enxuto<exsuctum. Enxemplo, encontra-se nos escritores mais antigos. Do mesmo modo, inliçon (eleição).

Para Alves:

a nasalização espúria é caracterizada pela falta de contexto favorecedor à nasalização da vogal /i/, como em ‘ingual’. Assim, a vogal oral é nasalizada sem a presença de nenhum segmento sonoro nasal na cadeia sonora do item lexical para que ocorra uma assimilação. (2014, p. 21)

O que foi diagnosticado pelos autores é que nenhuma condição fonética foi vista para que uma nasalidade fosse completada, em outros termos, não há nenhum som vizinho que doe ao elemento nasalizado um traço nasal. Ele é realizado por alguma força, que não fonética ainda corroborada, e é contraparte nasal de vocábulos orais que, por óbvio, não carregam nenhuma nasalidade, como em “idiota ~ indiota”. A dúvida que se mostra implacável é: nos discursos contemplados pelos autores, há, em algum domínio próximo, algum segmento nasal? Não há indício disso nas redações deles, e, para não comprometermos um resultado falso, tomamos aqui o cuidado de montar estímulos que não tenham, em nenhum dos enunciados, qualquer palavra dotada de nasalidade. A inspeção dos estímulos e enunciados será mostrada em momento oportuno nas seções à frente.

1.2. Fundamentação teórica

Temos como pontapé inicial a afirmação de que a nasalização estaria atrelada a crença de falares não escolarizados, excetuando-se as formas de nasalização de assimilação imediata e outras formas já cristalizadas na língua pelo uso – como s[õ]brancelha e mend[ĩ]go. O argumento para sustentar essa hipótese seriam as ocorrências de formas nasalizadas associadas a comentários negativos, já conferidos previamente em situações de *internet* e em conversas informais, atestado na imagem a seguir:

fossem três dimensões de uma mesma imagem – como o espelho, complementando a metáfora anterior. Como é inerente ao ser humano nascer em uma sociedade por fazer parte do mundo, é primordial – no sentido literal do termo: desde os primórdios da sua existência – que todo indivíduo tenha uma língua a submeter a sua comunicação para que, só a partir disso, consiga ser constituído como ser, uma porção individual de um sistema maior que determina, através da linguagem, todas as ferramentas vitais e desenha a norma. E, quando se nega uma sociedade x por algum motivo, é fundamental que se assuma uma nova identidade-modelo e uma nova estrutura cultural que se principia, indubitavelmente, no aprendizado de uma nova língua para que se integre às atividades comuns da comunidade almejada. Coseriu (1987, p. 19) fortalece essa nossa convicção de que o indivíduo falante é “pertencente a uma comunidade determinada historicamente, ou, pelo menos, como alguém que assume temporariamente a tradição idiomática desta ou daquela língua.”

Por conseguinte, o axioma da linguagem é travar em si mesma o julgamento comportamental, ético, cultural, de poderio aquisitivo, entre outras frentes mais subjetivas, de outros indivíduos usuários da mesma linguagem ou, mais precisamente, da mesma língua. A gama de indícios da fala repousa no que chamamos de crenças linguísticas, ou seja, as cargas que pessoas levam no seu idioma para poder decodificar e absorver as mais variadas falas em que se esbarram ao longo da vida. As crenças já estão abalizadas na língua e são imperceptíveis aos seus falantes, o que prova o estatuto involuntário para a aquisição dessas marcas invisíveis da fala. Porém, nos dedicaremos mais fielmente ao estudo mais singular das atitudes neste recorte.

O ramo da sociolinguística mais conveniente para tratar sobre essas funções concernentes às atitudes - e o possível histórico por trás delas - de quem recebe (ou produz) um estímulo é a que se encarrega das atitudes, fundado pelas mãos de psicólogos sociais (Lambert & Lambert, 1968) que, apesar de não serem da área linguística, forneceram um aparato generoso para as pesquisas aventadas na ordem sucessiva das suas.

Para ancorar esse artigo, nos valem da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972), nos dedicando ao problema da avaliação (*evaluation*), apontado por Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006). Esse quadro teórico foi eleito por avaliar

os fenômenos linguísticos a partir de um panorama social, afinal, somente levando em conta determinados fatores externos à estrutura linguística, é possível descrever alguns fenômenos das línguas.

Um conceito relevante para a Sociolinguística é o de heterogeneidade ordenada, que se opõe ao conceito de homogeneidade de Chomsky, autor que afirmava que uma análise linguística necessita de um falante-ouvinte ideal em uma comunidade de fala perfeitamente homogênea e que a Linguística deveria se dedicar ao estudo da competência ao invés do desempenho, pois é na competência que estariam os princípios que governam a linguagem. Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006) argumentam que o desempenho também determina a competência do indivíduo:

(...) encontramos razões convincentes para modificar essa posição nos fatos confirmados de que desvios de um sistema homogêneo não são todos eles erros aleatórios de desempenho, mas são num alto grau codificados e parte de uma descrição realista da competência de um membro de uma comunidade de fala (p. 60)

Na visão dos autores, uma comunidade de fala é essencialmente heterogênea e o resultado lógico dessa afirmação é a variação. No entanto, essa heterogeneidade não é desordenada, já que se subordina a condicionamentos tanto linguísticos quanto extralinguísticos. Uma das atribuições da Sociolinguística é mapear esses condicionamentos e demonstrar a influência que fatores sociais exercem na constituição linguística dos indivíduos. Outro ponto relevante para o nosso estudo é o que os autores denominam como problema da avaliação. Os estudiosos demonstram que os falantes atribuem valores às formas linguísticas em variação, o que acaba por influenciar os rumos que a mudança linguística toma. Assim, um estudo que se preocupe com a interface entre língua e sociedade deve levar em conta como os usuários da língua avaliam as variantes de um dado fenômeno. Nosso trabalho se encaixa nessa preocupação, já que se propõe a responder a pergunta de como os falantes de PB avaliam a nasalização dita marginal. Será indispensável um teste que permita aos falantes determinar ou intuir acerca de características sociais das formas em análise, pois; é a partir dele que traçaremos formas de capturar as razões de casos de prestígio e/ou estigma na comunidade de fala. Em concordância com a ideia dos autores, tentaremos inferir por que a nasalização em alguns

contextos é digna de estigmatização e em outros se comporta com neutralidade, sem nenhuma interferência social regulamentadora.

É neste íterim em que se forma a confluência destes dois braços da sociolinguística: a variação em destaque através do teste de atitudes – extraído via *matched-guise test* (Lambert et al., 1960), técnica pormenorizada adiante.

As questões que indagam a nossa pesquisa e que buscam suas satisfações neste espaço é: como as variedades do português do Brasil encaram a nasalização marginal? E, sobretudo, em que esses juízos de valores se ancoram? Como o mesmo fenômeno é encarado sob os diversos prismas de identidades sociais na extensão do país? Para orientar o nosso debruce sobre as minuciosidades que circundam o sentido literal do que são atitudes, amparamo-nos nas palavras de Frosi, Faggion e Dal Corno (2010, p.23), que captam a pretensão do que se pretende averiguar adiante e postulam a atitude linguística como “[...] uma postura, ou comportamento positivo ou negativo frente a uma língua ou a uma variedade linguística particular, uma reação favorável ou desfavorável face ao modo de falar do outro.”

Almejando situar o leitor, figuramos um panorama conciso das duas linhas divergentes que orientam, cada qual, os trabalhos de atitudes linguísticas. Dittmar (1976) aponta para a bifurcação entre duas correntes linguísticas distintas. A primeira é a proposta comportamentalista (Lambert, 1967), (Osgood, 1954) inspirada no *behaviorismo* (Skinner, 1957), que leva em consideração respostas a estímulos quase mecânicos (condicionamento operante) – isto é, sem nenhuma indução cognitiva, a repetição de uma valoração a uma variante determina o condicionamento de todo o processo – da linguagem.

A linha adotada neste trabalho é a mentalista (Katz, 1964), que surge como a outra face de compreensão das atitudes linguísticas e é onde se pautam grande parte dos estudos sociolinguísticos atuais. Nessa perspectiva, as respostas aos estímulos aos quais os indivíduos são expostos não decorrem diretamente de condições externas ao indivíduo, tão pouco dependem da rejeição ou do acatamento de uma variante estipulada pela comunidade. Os respondentes, como sujeitos pensantes e detentores da mente, que é o componente capaz de reter e avaliar internamente a linguagem, são influenciados pela coleção de pormenores que compõem a língua (e dialetos). As variantes díspares, quando testadas e selecionadas pelas atitudes moldadas previamente, foram já experienciadas pela

atuação social e, assim, filtradas pelo julgamento mental individual. É depois de toda essa trilha mental que uma variante passa a ser recebida com a decisão pré-concebida e apta ao uso: se contemplada pela identidade daquela comunidade, é assentida. Caso contrário, é rejeitada pela atuação de sua consciência linguística – que reconhece as formas dignas de predomínio no meio em que está alocada, diferenciando-se crucialmente da análise comportamentalista.

2. Procedimentos metodológicos

Os dados apresentados nesse trabalho foram obtidos via *online*, mais precisamente, através da plataforma de formulário do Google (*Google Forms*). Na ocasião, duzentos e doze falantes de grau superior completo ou em curso foram expostos aos estímulos que contemplassem todos os grupos de nasalização referenciados no trabalho. Com o fim de obtermos rigorosas avaliações de cada juiz, dispusemos as variantes (oral, como “pichar” e nasal, como “pinchar”) em quadrado latino³. Em prática, todos os informantes eram subordinados à todas as condições. Ao final, todos os duzentos e dezesseis participantes foram expostos ao inventário total de palavras, disposto, na organização de quadrado latino, da seguinte maneira para cada respondente: doze palavras experimentais diferentes no total. Delas, seis orais – duas de cada grupo passível de nasalização - e seis nasais – duas de cada grupo de nasalidade fonética com o fenômeno em atuação. Das seis de cada variedade, três eram ouvidas da voz masculina (determinada R.) e as outras três da voz feminina (determinada S.), assim como visto na imagem abaixo.

³ Forma de distribuição de condições em todos os informantes são expostos a todas as condições sem serem expostos a nenhum estímulo repetidamente, ou seja, cada falante só é apresentado a cada um dos estímulos uma única vez.

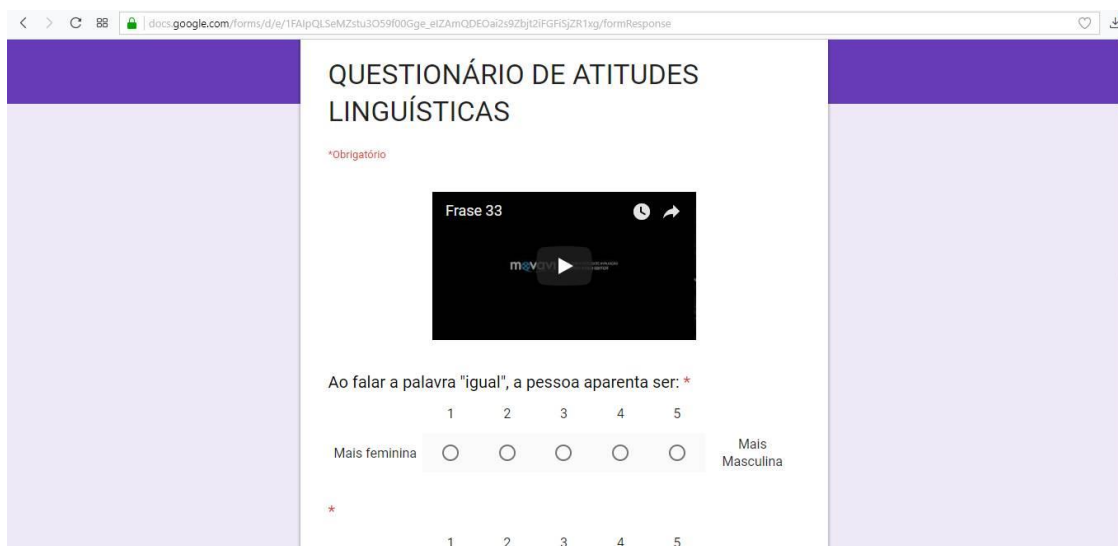


Figura 2: exemplo da tela do *Google Forms*

Cada falante foi apresentado a uma das quatro versões do quadrado latino, haja visto a impossibilidade de se testarem as palavras de maneira fidedigna se dispostas em versão única. Por submetermos um teste de circulação nacional, com representantes de todas as regiões do país, não foi alvo de grande preocupação que se identificasse o tema analisado pelo formulário. É importante ressaltar que escolhemos propositalmente (e não aleatoriamente) os estímulos a serem abarcados pelo teste.

Uma vez que determinamos *inputs* de natureza auditiva, algumas reservas foram essenciais:

- Elegemos as quatro palavras (de grau mais usual) de cada grupo da nasalização
- Os estímulos deveriam ser frases que contivessem uma e somente uma palavra-alvo.
- Os estímulos, independentemente da frase que formassem, não continham nenhuma outra palavra com qualquer segmento nasal além da palavra-alvo.
- As gravações, original da variante carioca do português do Brasil, foram leituras que intentaram chegar ao estágio mais natural da fala.
- Todas as frases tinham a limitação de, no máximo, nove palavras – incluindo o alvo – por enunciado.⁴

A escolha da escolaridade dos respondentes não foi fortuita. Almejávamos, conscientemente, investigar como era interpretada a nasalidade fonética marginal a partir de suas percepções linguísticas. Esse quadro nos fornece, em medida

⁴ Todas as frases serão acessíveis no anexo deste texto.

generosa, como indivíduos de grau escolar prestigiado enxergam uma fala comumente associada aos grupos de poder aquisitivo e escolaridade mais baixa e de menor prestígio social e cultural do que os próprios. É interessante que o teste, submetido em forma de falsos pares (*matched-guise technique*, de Lambert e Lambert, 1968), considere atitudes linguísticas que se aloquem, à vista hipotética, abaixo do nível de consciência por caracterizar certa anuência de preconceito linguístico. Isso poderá ser refutado ou legitimado na análise dos dados a seguir.

Dessa forma, o respondente era exposto a uma frase curta, na qual figurasse a palavra-alvo (ele poderia repetir a gravação, feita de forma artificial e manipulada, quantas vezes fosse necessário). Em seguida, era aplicado o *matched-guise test*, que continha cinco escalas, conforme a figura 1 abaixo:

Ao falar a palavra "igual", a pessoa aparenta ser: *

	1	2	3	4	5	
Mais feminina	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Mais Masculina
*						
	1	2	3	4	5	
Mais jovem	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Mais idosa
*						
	1	2	3	4	5	
Mais urbana	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Mais rural
*						
	1	2	3	4	5	
Menos escolarizada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Mais escolarizada
*						
	1	2	3	4	5	
Com menor poder aquisitivo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Com maior poder aquisitivo

Figura 3: Exemplo de *matched-guise* aplicado ao informante.

Em seguida, o respondente era solicitado a informar de qual região do país ele acreditava que o falante era. Ao final do teste, lhe era solicitado que, caso desejasse, fizesse algum comentário sobre o questionário.

Quanto à metodologia de tratamento estatístico dos dados, seguimos o seguinte roteiro: inicialmente testamos a normalidade das amostras através do teste Shapiro-Wilk⁵, que indicou que nossas amostras não possuíam distribuição normal. Por isso, decidimos utilizar o teste U Mann-Whitney para o tratamento estatístico, uma vez que nossas amostras, além de não serem normalmente distribuídas⁶, eram

⁵ Utilizando para tal a função SWTEST() do suplemento *Real Statistics* do programa Excel 2016.

⁶ O teste U Mann-Whitney é um teste estatístico não-paramétrico equivalente ao teste-t. Para realizar esse teste, utilizamos a função MTEST() do suplemento *Real Statistics* do programa Excel 2016.

independentes (uma vez que os estímulos foram divididos em quadrado latino). Na seção seguinte iremos explicar os resultados obtidos.

3. Análise dos resultados

A tabela 1 abaixo apresenta os resultados das médias nas avaliações dos informantes, considerando os fatores Gênero (se as pessoas julgavam o falar mais feminino ou masculino), Idade (se as pessoas julgavam o falar típico de um falante mais jovem ou idoso), Urbanidade (se as pessoas julgavam a pronúncia mais típica de falares urbanos ou rurais), Escolaridade (se as pessoas julgavam essa pronúncia mais ligada a pessoas menos ou mais escolarizadas) e Poder Aquisitivo (se as pessoas julgavam o falar típico de pessoas com menor ou maior poder aquisitivo).

Inicialmente esperávamos que os tipos de nasalização exercessem influência estatisticamente relevante na avaliação dos respondentes. No entanto, como veremos, a homogeneidade revelada pelos testes estatísticos não nos permite dizer que os falantes reagem diferentemente às atitudes no que diz respeito a esse fator. Da mesma forma, a variável gênero não apresentou relevância estatística: os informantes não avaliaram que a nasalização indique um falar mais feminino ou mais masculino.

Palavra	Gênero		Idade		Urbanidade		Escolaridade		Poder Aquisitivo	
	Média	p-valor	Média	p-valor	Média	p-valor	Média	p-valor	Média	p-valor
mendigo	3.17	0.257326	2.63	0.24767	1.93	0.00708	3.49	0.00000	3.35	0.00000
mendingo	3.02		2.72		2.27		2.17		2.40	
mortadela	2.89	0.478571	2.31	0.10052	1.73	0.00221	3.42	0.00000	3.19	0.00000
mortandela	2.89		2.51		2.14		1.97		2.09	
cozinha	2.77	0.371862	2.82	0.45143	2.24	0.00000	3.09	0.00000	2.96	0.00000
conzinha	2.90		2.82		3.17		1.81		1.96	
sobrancelha	2.96	0.360069	2.83	0.00104	1.84	0.00804	3.61	0.00000	3.39	0.00000
sombrancelha	2.89		2.39		2.12		2.45		2.61	
ilícito	2.97	0.438606	2.78	0.01005	1.74	0.07785	4.07	0.00000	3.77	0.00000
inlícito	2.95		2.47		1.96		2.86		2.88	
irresponsável	2.90	0.364687	2.50	0.13530	2.08	0.02420	3.31	0.00000	2.95	0.00000
inresponsável	2.83		2.34		2.40		2.25		2.28	
ilegal	2.85	0.293947	2.87	0.43684	2.11	0.00050	3.58	0.00000	3.35	0.00000
inlegal	3.00		2.85		2.58		2.25		2.48	
irresistível	2.94	0.279841	2.47	0.25805	1.85	0.00296	3.77	0.00000	3.46	0.00000
inresistível	3.05		2.42		2.21		2.43		2.58	
igual	2.92	0.419267	2.48	0.30444	2.12	0.00000	3.21	0.00000	3.14	0.00000
ingual	2.86		2.57		3.07		1.58		1.91	
pichar	3.01	0.333624	2.65	0.41621	1.88	0.00559	3.36	0.00000	3.21	0.00000
pinchar	2.92		2.70		2.25		1.88		2.23	
irritar	2.81	0.194009	2.80	0.07386	2.10	0.00831	3.25	0.00000	3.15	0.00000
inrritar	3.04		2.59		2.43		2.42		2.45	
idiota	2.96	0.281728	2.26	0.05333	1.85	0.00085	3.39	0.00000	3.21	0.00000
indiota	3.09		2.08		2.33		1.59		1.95	

Tabela 1: Médias e p-valores da comparação das médias das avaliações diante da nasalização, considerando a pronúncia de ambos os falantes. Os itens em vermelho são os que foram relevantes estatisticamente ($p < 0,05$).

(Fonte: elaboração própria)

Uma breve análise da tabela acima revela aspectos interessantes. Em primeiro lugar, percebe-se que houve relevância estatística na comparação das médias entre variantes orais e nasais em todos os casos das variáveis **escolaridade** e **poder aquisitivo**. Isso quer dizer que os respondentes avaliam esses aspectos a partir da nasalidade marginal, encarando as variantes nasais como marcadoras de pessoas com baixa escolaridade e pouco poder aquisitivo, talvez indiciado pela forte vedação da escola à fenômeno e o consequente estigma que essa inibição produz, delineando um padrão pertencente às periferias sociais – onde projetam-se,

hipoteticamente, os analfabetos e pobres -, conforme mostram os gráficos 1 e 2 abaixo⁷:

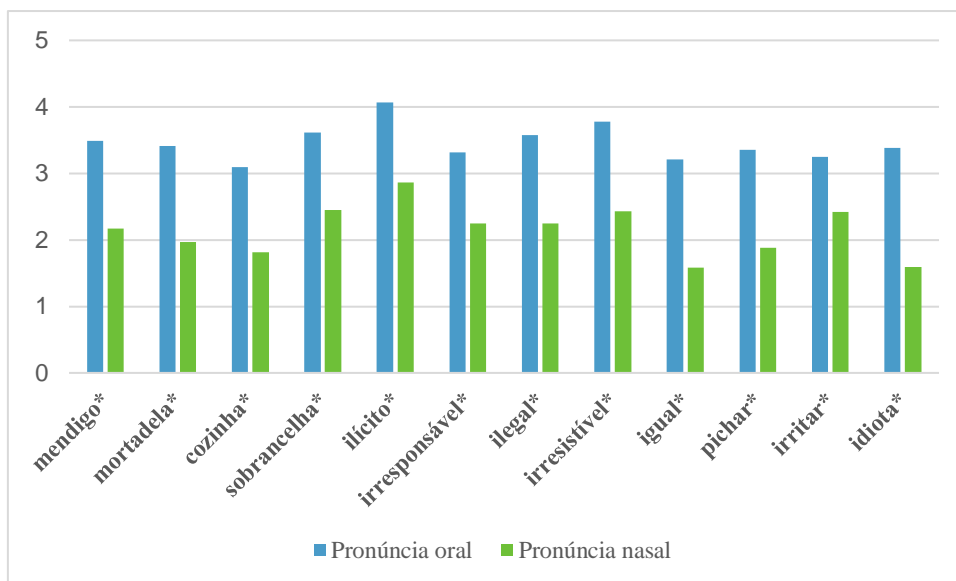


Gráfico 1: Atitude diante da nasalidade quanto à variável "escolaridade"
(Fonte: elaboração própria)

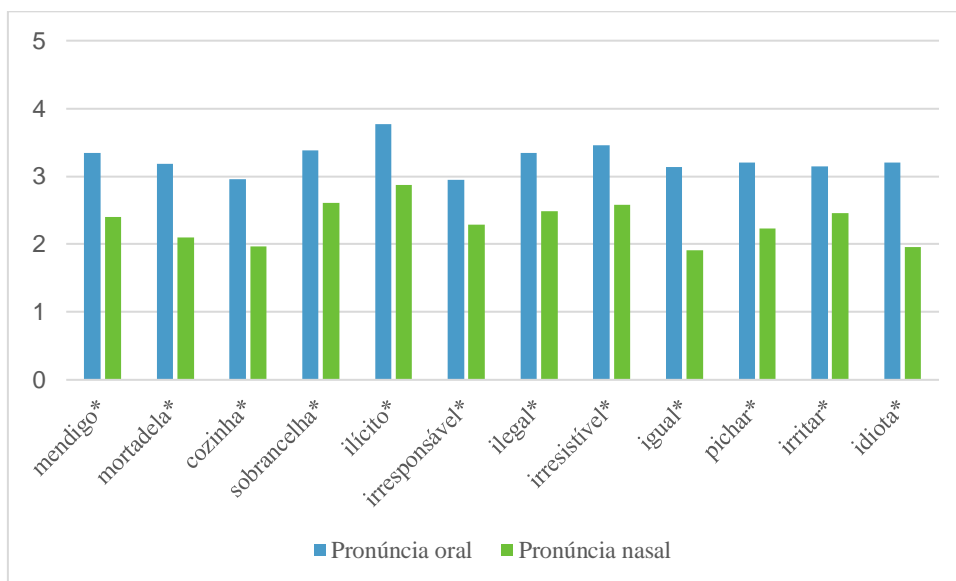


Gráfico 2: Atitude diante da nasalidade quanto à variável "poder aquisitivo"
(Fonte: elaboração própria)

Da mesma forma, quanto à variável **urbanidade**, praticamente em todas as palavras houve relevância estatística na comparação das médias das variantes orais e nasais, à exceção da palavra "ilícito" –por configurar um uso mais reduzido e pouco

⁷ Nos gráficos deste artigo, os asteriscos ao lado do nome das variáveis indicam que a diferença entre as médias é relevante estatisticamente ($p < 0,05$).

usual - como mostra o gráfico 3. que contempla uma esfera de distanciamento entre cidade (metrópole) e regiões pouco movimentadas, afastadas dos centros urbanos. Podemos presumir que há, nesta atitude, uma fala associada aos falantes rurais, o que, de certa forma, se coaduna com o pensamento de que escola e nasalização não-protípica não podem coexistir. Uma vez que no imaginário popular se constrói a imagem do eixo rural distante da realidade ordinária das cidades grandes e capitais, falantes rurais são potenciais candidatos a produzirem o fenômeno.

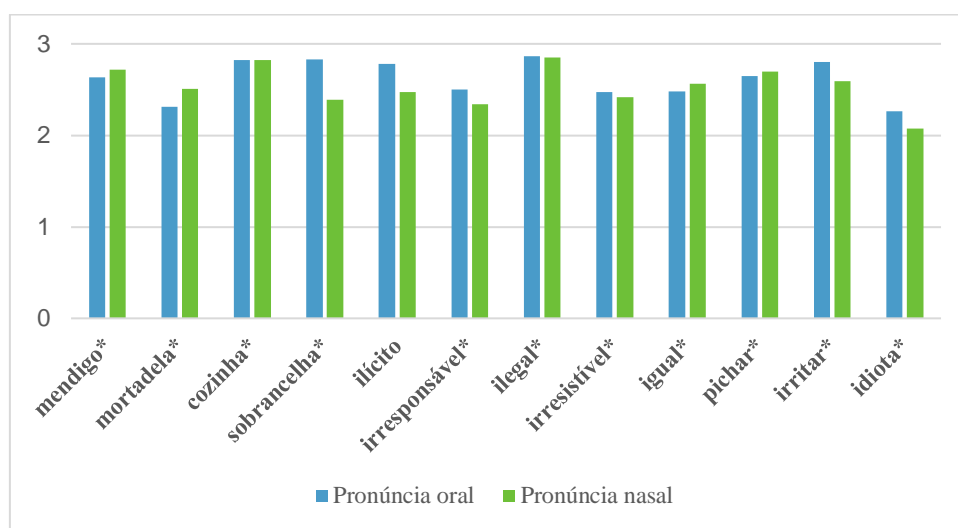


Gráfico 3: Atitude diante da nasalização quanto à variável "urbanidade"
(Fonte: elaboração própria)

Um aspecto chama a atenção nesse gráfico: parece haver uma especificação lexical na atitude no que diz respeito a essa nasalização: enquanto as palavras “mendigo”, “mortadela”, “igual” e “pichar” tiveram suas pronúncias nasalizadas identificadas com falar mais rural, a pronúncia nasal de “cozinha”, “sobrançelha”, “irresponsável”, “ilegal”, “irresistível”, “irritar” e “idiota” foi avaliada como típica de um falar mais urbano. Embora sejam necessários estudos mais aprofundados para afirmar certamente a motivação para essa diferenciação, é possível que os respondentes associassem a pronúncia de determinados itens lexicais de forma diferente de outros, o que gerou a assimetria e vale uma nova investigação para averiguar a hipótese.

No que concerne à variável **idade**, as únicas palavras cuja diferença das médias foi relevante estatisticamente foram “sobrançelha” e “ilícito”, como mostra a tabela 1. No gráfico 4 apresentamos a diferença das médias:

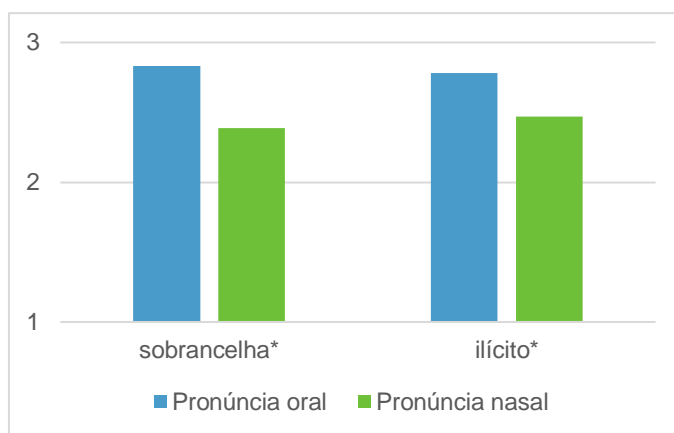


Gráfico 4: Atitude diante da nasalidade quanto à variável *idade* nas palavras "sobrancelha" e "ilícito"

Em ambos os casos, os respondentes julgaram que as formas orais (sem nasalização) são mais típicas de falantes mais velhos do que as variantes nasais. No entanto, como se tratou apenas de duas palavras, pode ser um caso semelhante ao encontrado para a variável **urbanidade**, e os falantes apenas reconhecem essa diferença em palavras específicas.

Quanto à variável **gênero**, a análise estatística mostrou que os falantes não avaliaram este fator no processo de nasalização. O que obtemos desse íterim é que o sexo biológico do falante não impactou o fenômeno. Tanto homens quanto mulheres que produzam as formas nasalizadas estão subjugados à outras variáveis mais patentes e mais salientes em contextos sociais. Linguagem e gênero não são correlatos tão transparentes no âmbito mais segmental da fonética, onde estamos inseridos. Em aspectos mais entoacionais, prosódicos e até mais morfológico (guardados exemplos como reduplicação no *babytalk*, Vialli, 2008) da linguística, este fator, *a priori*, se mostraria mais eficiente.

Quanto ao quesito região geográfica do falante, encontramos um problema na avaliação dos respondentes. Uma vez que os dois falantes, que gravaram as leituras, eram cariocas, a quase totalidade dos informantes avaliou os falantes como pertencentes à região Sudeste, provavelmente guiados por outras características típicas do falar carioca (como o *r* em coda aspirado, o *s* em coda chiante ou mesmo a prosódia). Daí não foi possível extrair desses dados nenhuma conclusão concreta. Por isso se faz mais um adendo à futura ampliação do trabalho: manipularmos dados de forma a suprir marcas regionais que desviem o alvo da resposta. Daí não foi possível extrair desses dados nenhuma conclusão concreta.

4. Palavras finais

O trabalho de investigar as atitudes linguísticas dos falantes se faz necessário na busca por compreender como o sistema linguístico é analisado em âmbito social. Este trabalho tentou esquadrihar um aspecto em particular dentro desse programa de análise. Tentamos entender como os falantes avaliam subjetivamente os valores relacionados ao fenômeno da nasalização marginal, seja por assimilação à longa distância, seja por regularização do prefixo /iN-/ de negação, ou seja por motivos espúrios. Descobrimos que, pelo menos, existem três valores associados a essa nasalização: urbanidade, escolaridade e poder aquisitivo. Quanto ao primeiro valor, percebemos que os indivíduos analisam as formas nasalizadas como características de um falar mais rural, exceto em alguns casos em que pode haver a influência de aspectos puramente lexicais (a identificação de uma determinada pronúncia para um item lexical específico). Quanto ao valor de escolaridade e poder aquisitivo, a sugestão é de que esses fatores são analisados em conjunto, pois os resultados sugerem que os falantes encaram tais formas nasalizadas como típicas de pessoas menos escolarizadas e com menor poder aquisitivo, talvez porque, na sociedade, normalmente as pessoas com maior poder aquisitivo têm acesso a um melhor padrão educacional que restringe e vulgariza formas mal valoradas pela tradição gramatical, afirmação validada pelas interpretações dos gráficos de cada variável, tais como os elementos destacados, que existem e são visualizados como processos escusos ou até anômalos. A discussão acerca do que é pertinente para a compreensão dos fatores é profunda e merece maior detalhamento, o que não é possível dado ao espaço que nos cabe nesta edição, mas que será esmiuçado em breve oportunidade. A educação restringe grupos e prestigia outros, fato nada novo em nosso mundo. O nosso trabalho não pretendeu apenas escancarar isso. Foi de nosso intuito descrever, ainda que pioneiramente, as atitudes herdadas antes de quando poderíamos datar e apregoadas pelo uso contínuo da língua, impossível desassociar uma da outra.

No entanto, ainda que este estudo lance luz sobre as atitudes linguísticas relacionadas à nasalização, estudos mais aprofundados podem ser encaminhados. Em primeiro lugar, poder-se-ia aumentar a diversidade dos falantes cuja voz serve de estímulo para as avaliações. Tal medida seria capaz de mitigar o problema encontrado nesta pesquisa quanto ao questionamento da origem do falante, pois

com falantes de todas as regiões do Brasil seria possível mensurar como a nasalização impacta na avaliação da região geográfica do falante. Outro aspecto que pode ser investigado é o cruzamento das atitudes linguísticas do indivíduo com o perfil sociolinguístico do mesmo. Esse cruzamento pode se fazer importante para analisar, por exemplo, como a região geográfica do respondente pode influenciar o julgamento de valor que ele faz da região geográfica do falante produtor do estímulo. Um outro campo de pesquisa que pode ser explorado nesse sentido é a comparação da avaliação feita sobre formas de nasalização marginal com formas de nasalização não marginais, aquelas descritas por Mattoso Câmara Jr (1970) como nasalização fonológica e nasalização fonética. Por fim, em muito nos seria proveitoso aplicar o mesmo teste com falantes de nulo e/ou de baixo nível de escolaridade. Dependeríamos de maior organização para extração dos resultados *in loco*, exigindo, inevitavelmente, um quórum de trabalhadores para formarmos uma rede que operasse a parte mecânica do teste - como ler para os indivíduos as indicações e informes e efetuação dos *cliques* de marcação das alternativas, imparcialmente. A partir deste mapeamento, que assentaria as atitudes dos indivíduos emblemados por este falar referido, seria valioso comparar como se portam as duas grandes searas sociais da fala brasileira. De fato, diversos caminhos se abrem para investigação de atitudes linguísticas, podendo resultar em muitos frutos para a ciência linguística.⁸

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. M.; PAGOTTO, E. G. Nasalização no Português do Brasil. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do Português Falado. Volume VI: Desenvolvimentos*. São Paulo: UNICAMP, 2002.

AMARAL, A. *O dialeto caipira*. 3 ed. São Paulo: Hucitec; Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976 [1920]. 197p.

BISOL, L. Nasalidade: um velho tema. D.E.L.T.A., v. 14, n. esp., p. 27-46, 1998.

CAMARA JR., J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

⁸ Apesar de muitíssimo interessante, não foi possível, neste estudo, observar a origem dos respondentes como um fator tal como uma variável. É outro gancho valioso que temos em mãos para o desdobramento de um trabalho adiante, mas nos cabe ressaltar que todas as regiões brasileiras foram abrangidas já no presente artigo. A origem dos falantes não é, desta forma, do escopo da análise apresentada aqui.

- CYRANKA, L. F. M. Atitudes lingüísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora-MG. 2007. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- DITTMAR, Norbert. *Sociolinguistics: a critical survey of theory and application*. London: Edward Arnold, 1976.
- FASOLD, R. *The sociolinguistics of society*. Oxford: Blackwell, 1984.
- FROSI, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. *Estigma: cultura e atitudes lingüísticas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.
- GÓMEZ MOLINA, J. R. *Actitudes lingüísticas en una comunidad bilingüe y multidialectal: área metropolitana de Valencia*. Valencia: Universitat de Valencia, 1998.
- GONÇALVES, C. A. V.; PINTO, A. M. S. Enfoques sobre a alomorfia: do Estruturalismo à Teoria da Otimalidade. *Revista Souza Marques*, v. 21, p. 28-47, 2011.
- KATZ, J. J. *Mentalism in linguistics*. *Language* 40, 1964.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- _____. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LAMBERT, W. E. et al. Evaluational Reactions to Spoken Language. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 60. pgs. 44-51, 1960.
- LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- LÓPEZ MORALES, H. *Sociolingüística*. Madrid: Gredos, 1993.
- MORAES, J. A.; WETZELS, W. L. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português: um exercício de fonologia experimental. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 23, p. 153-166, jul./dez. 1992.
- OPPENHEIM, A. N. *Questionnaire, design, interviewing and attitude measurement*. London: Pinter Pub Ltd., 1992.
- OSGOOD, C. & SEBEOIC, T.A. *Psycholinguistics: A Survey of Theory and Research Problems*. Baltimore: Waverly Press, 1954.
- SKINNER, B. F. *Verbal Behavior*. New York: Applenton-Century-Crofts, 1957.
- VIALLI, L. D. reduplicação em baby-talk: uma análise morfo-prosódica. Dissertação (Mestrado): Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ABSTRACT: This article analyzes the linguistic attitudes of natural speakers of several municipalities in Brazil. All these areas, concerning a considerable extension among themselves and considering their diffuse histories in their dialectal constitutions, point out speeches that are distinguished, mainly and most noticeably, by phonetic occurrences. In our approach, we bring to light the phenomenon of phonetic nasalization, typical of Brazilian Portuguese, by three distinct processes: (a) long-distance assimilation, (b) prefixal uniformization of /iN-/ and (c) spurious nasalization. It is understood as a belief that speakers originating in the Brazilian northeast region are the largest producers of nasalization. Moreover, schooling is a preponderant factor so that nasality manifests itself or is inhibited in individuals with a higher degree of schooling. In possession of these statements, we make this point stemming from Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972), focused on beliefs and linguistic attitudes tests (LAMBERT; LAMBERT, 1968), analyzing if respondents with a full third degree and with graduation (in any area of study) degree in course, of the most varied localities and all regions of Brazil, confirm the position (belief and initial hypothesis) that was previously assumed.

KEYWORDS: phonetical nasalization; nasality; sociolinguistics; linguistic attitudes tests; Brazilian Portuguese.

PINHEIRO COSTA, Paula. O fenômeno da nasalização marginal no português do Brasil: um estudo de atitudes. *Linguística Rio*, vol.4, n.1, dezembro de 2018.

Enviado: 16 de março de 2018
Aceito: 13 de julho de 2018
Pub. Online: 11 de fevereiro de 2019

ISSN: 2358-6826
[[www.linguisticario.lettras.ufrj.br/
uploads/7/0/5/2/7052840/pinheirocosta.pdf](http://www.linguisticario.lettras.ufrj.br/uploads/7/0/5/2/7052840/pinheirocosta.pdf)]

